

---

## DIÁLOGOS DE "QUADERNA", O SUBVERSIVO

DIALOGUES OF "QUADERNA", THE SUBVERSIVE

DIÁLOGOS DE "QUADERNA", LO SUBVERSIVO

---

Rafael Munhoz\*

### Considerações iniciais

Tendo em vista as diferentes formas e graus de orientação dialógica do discurso e as ligações existentes entre essa orientação e as particularidades da prosa literária, propomos uma discussão acerca dos discursos do personagem-narrador Quaderna, do Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta, de Ariano Suassuna, a fim de verificar a dinâmica dialógica presente em sua fala. Entendemos, neste trabalho, o conceito de dialogismo como o processo de interação entre diferentes vozes, produzidas por diferentes sujeitos, numa ação mútua que pode ser harmoniosa ou conflituosa, dependendo da circunstância em que aconteça a comunicação.

Os discursos de Quaderna são envolvidos por acontecimentos que se refletem em suas falas, formando o processo de dialogismo que interage com suas opiniões sobre o poder judiciário, o cânone literário, a religiosidade e a literatura popular nordestina que penetram no romance de Suassuna dando à obra, o que Bakhtin (1998), em sua "teoria do romance", afirma ser uma característica atribuída ao gênero romanesco, dizendo que o homem que fala e sua palavra são extremamente importantes para a composição do gênero e a formação do processo dialógico na obra.

Quaderna expressa sua ideologia e concepção particular de mundo, deixando claro, por mais insanas que suas ideias possam parecer, que a maneira como ele usa a linguagem evidencia toda uma base social e histórica, abordada por ele de maneira divergente à palavra caracterizada como modelo, usando dessas falas jurídicas, literárias e religiosas para criar novos conceitos e concepções alucinadas da realidade de cada uma delas.

Ariano Suassuna, por meio de seu personagem Quaderna, revela uma época de repressão no Brasil da década de 30, em função da ditadura militar imposta por Getúlio Vargas durante seu governo, que durou de 1930 a 1945. No Romance d'A Pedra do Reino, o diálogo entre a ficção e a história do Brasil é constantemente mencionado. Ao ser intimado para depor sobre o assassinato de seu padrinho Dom Pedro Sebastião Garcia Barreto, Quaderna conta a seus mestres Clemente e Samuel sobre a intimação recebida, e Clemente, com medo de ser pego pelos agentes do governo, pelo fato de ser esquerdista convicto, diz:

O ambiente de repressão, que nos domina desde 1935, agravou-se muito nos últimos tempos, o terreno em que pisamos está cada vez mais escorregadio, mais traiçoeiro do que nunca! [...] Vivo sendo seguido pelos agentes do Governo a serviço da reação e dos trustes internacionais! Se eles me pegam em qualquer deslize, estou liquidado! Essa gente é impiedosa e eu não tenho costas quentes! (SUASSUNA, 2007, p. 258).

Não por acaso, o ano em que Suassuna começa a compor sua obra é 1958, levando 10 anos para concluí-la e mais 3 anos para publicá-la, ou seja, de 1958 a 1971. Nessa época, o Brasil passava por um momento muito parecido com o do tempo do romance, a ditadura militar que se iniciou em 1964 com a presidência sob o comando do general Humberto de Alencar Castelo Branco estendendo-se até 1985. No entanto, durante o governo de Emílio Garrastazu Médici, que teve início em 1969, o Brasil viveu a fase mais rígida da ditadura. No mesmo período, toda uma rede de órgãos repressivos funcionava para manter encurralados não só os grupos de esquerda, mas também a própria sociedade.

Enquanto o terror de Estado acabava com a vida da juventude rebelde, a economia entrava em um período de intenso crescimento. Assim, esse período que tem sido chamado de anos de chumbo, foi também caracterizado pelo que ficou conhecido como milagre econômico.

Em meio ao auge do milagre econômico, no qual os militares sonharam com um “Brasil grande potência” e a prática de tortura no país, Ariano Suassuna publicava, em agosto de 1971, pela editora José Olympio, no Rio de Janeiro, seu Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta, em homenagem ao pai João Suassuna, deputado federal assassinado em 9 de outubro de 1930, a tiros, no centro do Rio de Janeiro, em consequência da divisão política paraibana que seria em partes responsável pela revolução de 30.

Desse modo, o que se percebe é que o tempo da escrita do romance e a temporalidade recuperada no enredo coincidem com momentos de repressão social e ideológica. O estudo do discurso de Quaderna frente a certos discursos de poder – a justiça, a ordem, a religião e a própria literatura – se justifica também por revelar a subversão do narrador diante desse mundo.

A produção literária surgida na década de 60 refletia exatamente sobre esse movimento histórico caracterizado pelo autoritarismo e por uma rígida censura. Durante esse período, as crônicas e os contos tiveram grande desenvolvimento devido aos espaços abertos a esses gêneros na grande imprensa. No entanto, no romance, ao lado de Ariano Suassuna, apresentavam-se Jorge Amado, Érico Veríssimo e José Mauro de Vasconcelos, o regionalismo de Mário Palmério, Bernardo Elis, Antônio Callado, Josué Montello e José Cândido de Carvalho, como também os intimistas Osman Lins, Autran Dourado e Lygia Fagundes Telles.

## **O subversivo Quaderna**

A composição de um romance parte da ideia de que o romancista não se limita apenas a um tipo de linguagem e sim, utiliza a linguagem de maneira que essa possa ser dividida em várias outras. Do ponto de vista da linguagem usada pelos personagens, existem duas grandes características do gênero romanesco que são a fala dos personagens e suas palavras.

Segundo Bakhtin (1998, p. 135), existem três momentos que esclarecem essa afirmação: os discursos dos personagens não são apenas transmitidos mas representados artisticamente; o homem que fala no romance possui um discurso com linguagem social, não individual; e a linguagem utilizada pelo personagem é carregada de ideologias e pontos de vista particulares do mundo.

As ideologias dos personagens no romance são reveladas a partir de suas ações, de modo que ele vive e age em seu próprio mundo ideológico, garantindo assim uma concepção peculiar de mundo expressada por suas palavras.

No gênero romanesco, outra característica bastante presente é a imagem proporcionada pela linguagem do falante. No entanto, para que exista essa imagem literária, o discurso do personagem deve se juntar a sua própria imagem. Tendo em vista essa ligação entre a fala e a imagem do personagem, nas primeiras páginas do Romance d'A Pedra do Reino, Quaderna se apresenta em tom de superioridade e modéstia, evidenciando as idéias de Bakhtin:

Há três anos passados, na Véspera de Pentecostes, dia 1º de Junho de 1935, pela estrada que nos liga à Vila de Estaca-Zero, vinha se aproximando de Taperoá uma cavalgada que iria mudar o destino de muitas das pessoas mais poderosas do lugar, incluindo-se entre estas o modesta Cronista-Fidalgo, Rapsodo-Acadêmico e Poeta-Escrivão que lhes fala neste momento (SUASSUNA, 2007, p. 35).

A fala acima, caracteriza o que Bakhtin (1998, p. 137) afirma ser a fusão entre a imagem do personagem e sua fala. O discurso de Quaderna é carregado de entonações que remetem sua imagem a um universo intelectual fazendo com que ele se torne um megalomaníaco alucinado.

Essa imagem será apresentada a seguir tendo como base a palavra interiormente persuasiva que Quaderna usa para expressar suas opiniões sobre o poder judiciário, o cânone literário, a religiosidade e a literatura popular nordestina.

### **a) Doutor Joaquim Cabeça-de-Porco**

Bakhtin (1998, p. 143) chama de palavra autoritária a categoria de palavras que exigem o reconhecimento e a assimilação independentemente do grau de persuasão interior que diz respeito aos falantes, de modo que essa palavra já se encontra ligada à autoridade. Os discursos religiosos, políticos, morais, a palavra dos pais, dos professores, do juiz, já são por si próprias carregadas de uma certa autoridade conhecida.

Diferente da palavra autoritária, existe a palavra interiormente persuasiva que, para Bakhtin (1998, p. 143), não se submete a qualquer ideia de autoridade e que muitas vezes pode ser privada de conceitos legais. Geralmente, as ideologias individuais são formadas a partir da escolha de uma das duas categorias: autoritária ou interiormente persuasiva. No gênero romanesco, a formação ideológica dos personagens é caracterizada exatamente pela grande diferença entre as duas categorias.

No Romance d'A Pedra do Reino, através de seu personagem-narrador Quaderna, Ariano Suassuna utiliza do recurso da palavra interiormente persuasiva para formar o caráter e a personalidade de seu principal personagem. Possuído de uma insanidade parcialmente consciente, Quaderna, ao ser intimado para depor sobre o enigmático assassinato de seu padrinho, o desaparecimento de seu primo Sinésio e a chegada do misterioso Rapaz-do-Cavalo-Branco, apresenta-se desinteressado em cumprir com os padrões, as regras e os modelos a serem seguidos ao se dirigir ao Juiz-Corregedor encarregado de investigar os casos que por acaso encontravam-se em aberto durante uma visita a cidade de Taperoá. O modo como Quaderna se refere ao Juiz, demonstra toda a subversão quanto a sua autoridade:

Pois bem: é por isso que eu dizia que o Doutor Joaquim Cabeça-de-Porco era uma mistura de caititu e cascabulho. Corria entre nós, espalhado pelo Professor Clemente, a notícia de que ele se celebrizara nos processos instaurados em 1930 pelos famosos "Tribunais Revolucionários" e "Comissões de Inquérito". Aí, funcionando como acusador, fora tão cruel e eficiente que impressionara o Governo revolucionário e radical de Antenor Navarro, o qual (por isso e ainda por ser vagamente aparentado com o Cabeça-de-Porco), terminara por lhe dar esse posto importante e cobiçado de Corregedor, degrau infalível para o Tribunal de Justiça da Paraíba (SUASSUNA, 2007, p.335).

Percebe-se, além do tom desrespeitoso ao comparar o Juiz com um "Cabeça-de-Porco", que o narrador ironiza essa suposta semelhança com o fato de ter sido escolhido para ser Corregedor do Tribunal. Além da imagem que

Quaderna tinha do Corregedor, suas falas para com ele também eram cheias de deboche, contrariando a maneira formal de comportamento do Juiz e subestimando o mesmo com sua esperteza:

Novamente eu tinha me deixado levar pelo entusiasmo cavaleiroso e régio, nobres Senhores e belas Damas! Minha situação tornava-se cada vez mais perigosa. Mas como o que já acontecera era irreversível e o mal praticado quase irremediável, joguei-me para frente e continuei: - Quando eu disse aquilo, Sr. Corregedor, Samuel e Clemente empalideceram. Lino Pedra-Verde, porém, saltou, como se tivesse sido atingido por um raio. (SUASSUNA, 2007, p. 615).

Com isso, evidencia-se a maneira subversiva com que Quaderna lida com o inquérito, usando da palavra interiormente persuasiva para desenvolver suas falas.

## **b) Quaderna e O Sertanejo**

No campo da literatura, apesar de toda a influência que seus mestres exercem sobre Quaderna, ele discorda no ponto em que eles julgam José de Alencar como autor de segunda ordem. No entanto, Quaderna por ler as obras de José de Alencar – e Euclides da Cunha – desde os quinze anos de idade, devido ao gosto herdado do pai, considera o escritor um ícone da literatura, classificando-o como um dos gênios nacionais. Possui pelo autor uma admiração entorpecida e deixa claro a todos essa paixão. Quaderna considera *O Sertanejo* o melhor romance de José de Alencar – juntamente com *O Guarani* – por começar com as cavalgadas que ele, Quaderna, tanto admira e segue. Porém, ao contar para o Corregedor sobre sua história e seu objetivo de produzir uma epopéia, acaba subestimando o próprio mestre José de Alencar dizendo que sua obra “é, também, estilo régio, e vai me servir, na minha Epopéia, para eu ser mais completo, modelar e de primeira classe do que José de Alencar.” (SUASSUNA, 2007, p. 504).

Essa fala, expressa claramente o exemplo de subversão ligada à palavra interiormente persuasiva em que o personagem sente uma admiração pelo escritor e ao mesmo tempo considera-se capaz de superá-lo produzindo uma obra que vá além das produções de José de Alencar. Outro exemplo de subversão quanto a obra de Alencar é o modo como Quaderna acredita ser o sertão brasileiro comparando com a maneira como José de Alencar o representa em seu romance.

Sendo José de Alencar o precursor do Romantismo no Brasil, *O Sertanejo* é considerado uma obra sertanista que apresenta personagens

característicos do nordeste brasileiro, traçando todas as características geográficas e culturais, registrando as peculiaridades da sociedade rural desde o comportamento de cada personagem até o folclore nordestino.

Como n'A Pedra do Reino, O Sertanejo possui também um personagem-narrador – Severino – que do mesmo modo expressa suas ideologias através de sua realidade, porém, um tanto diferente da realidade de Quaderna, pois Severino representa o povo sofrido pelas dificuldades geradas pela fome, miséria e sede e a seca é o cenário do romance, predominante no Nordeste brasileiro. No romance de Alencar, o sertão possui características mais próximas da realidade a ser representada na obra:

Às vezes ouve-se o crepitar dos gravetos. São as reses que vagam por esta sombra de mato, e que vão cair mais longe, queimadas pelas seda abrasadora ainda mais do que inanidas pela fome. Verdadeiros espectros, essas carcaças que se movem ainda aos últimos arquejos da vida, inspiraram outrora as lendas sertanistas dos bois encantados, que os antigos vaqueiros, deitados ao relento no terreiro da fazenda, contavam aos rapazes nas noites de luar. Quem pela primeira vez percorre o sertão nessa quadra, depois de longa seca, sente confranger-se-lhe a alma até os últimos refolhos em face da inanição da vida, desse imenso holocausto da terra (ALENCAR, 1951, p.31).

Como característica do romantismo, a obra de Alencar expressa todo o sentimentalismo dos personagens e a proximidade com a realidade brasileira, dando uma visão particular da sociedade, da vida e dos costumes sertanejos. No Romance d'A Pedra do Reino, Quaderna enxerga o sertão como um lugar utópico e fantasioso onde reis, cangaceiros e profetas permanecem vivos através do vento e do sol:

Daqui de cima, no pavimento superior, pela janela gradeada da cadeia onde estou preso, vejo os arredores da nossa indomável Vila sertaneja. O sol trema na vista, reluzindo nas pedras mais próximas. Da terra agreste, espinhenta e pedregosa, batida pelo Sol esbraseado, parece desprender-se um sopro ardente, que tanto pode ser o arquejo de gerações e gerações de cangaceiros, de rudes Beatos e Profetas, assassinados durante anos e anos entre essas pedras selvagens, como pode ser a respiração dessa fera estranha, a Terra – esta Onça-Parda em cujo dorso habita a Raça piolhosa dos homens. Pode ser, também, a respiração ferosa dessa outra Fera, a

Divindade, Onça-Malhada que é dona da Parda, e que, há milênios, acicata a nossa Raça, puxando-a para o alto, para o Reino e para o Sol. Daqui de cima, porém, o que vejo agora é a tripla face, de Paraíso, Purgatório e Inferno, do Sertão (SUASSUNA, 2007, p. 31).

Desse modo, nota-se a drástica diferença de realidades contidas nas duas obras e nas falas de cada personagem, evidenciando-se novamente o processo de construção da palavra interiormente persuasiva presente no discurso de Quaderna, indo de encontro com a palavra autoritária vista como modelo.

### **c) Profeta da Igreja Católico-Sertaneja**

De acordo com Bakhtin (1998, p. 143), a palavra interiormente persuasiva “carece de autoridade, não se submete a qualquer autoridade, com frequência é desconhecida socialmente (pela opinião pública, a ciência oficial, a crítica) e até privada de legalidade.” A partir desse conceito, chega-se à conclusão de que, no Romance d'A Pedra da Reino, o discurso religioso proferido por Quaderna foge de todos os padrões conhecidos pela sociedade e vão de encontro ao dogma imposto pelo catolicismo.

A religião fundada por Quaderna, parte do catolicismo romano, unindo as crenças mouras, com uma pitada de maometismo e cristianismo. Quaderna anuncia que sua Igreja possui a Trindade da Igreja Católica, ou seja, O Pai, O Filho e o Espírito Santo adicionando a essa tríade Nossa Senhora e o diabo, afirmando não existir o bem sem o mal:

Modéstia a parte, não existe no mundo, religião mais completa do que a minha! Nela, o almoço, principalmente quando organizado à base de paçoca com carne-de-sol e queijo coalhado (e também a bebida de vinho e a posse das mulheres), tudo isso é colocado a serviço da edificação da alma dos meus adeptos e seguidores! Veja o senhor: o Judaísmo e o Cristianismo dos santos, mártires e profetas, permitem o Vinho, mas são religiões severas e incômodas como o diabo! O Maometismo é uma religião deleitosa: permite que a gente mate os inimigos e tenha muitas mulheres. Em compensação, proíbe o Vinho! A Igreja Católico-sertaneja é a única religião do mundo que é bastante “judaica e cristã” para leva ao Céu e, ao mesmo tempo, bastante “moura” para nos permitir, aqui logo, os maiores e melhores prazeres que podemos gozar nesse mundo velho de meu Deus! (SUASSUNA, 2007, p. 550).

Além de todo o conceito dogmático criado por Quaderna, sua religião apresenta características que agradam a seus mestres Clemente e Samuel. Quaderna descobre que sua religião era bastante monárquica, cruzada e ibérica para satisfazer Samuel e suficientemente popular e sertaneja para contentar Clemente. Para Bakhtin:

O processo de elaboração e de enquadramento da palavra interiormente persuasiva podem ser tão flexíveis e dinâmicos que ela pode tornar-se onipresente no contexto, acrescentando a todas as suas totalidades específicas e de tempo em tempo se destacando e se materializando totalmente, como palavra do outro isolada e colocada em relevo (BAKHTIN, 1998, p. 146).

Desse modo, nota-se a facilidade como Quaderna faz uso da palavra interiormente persuasiva, pois, ao ouvir a palavra “Católico-Sertaneja”, todo o conceito criado por Suassuna e expresso por meio de Quaderna a respeito dessa religião criada pelo personagem, logo se materializa.

#### **d) Cordel romanesco**

Depois da discussão feita a partir dos discursos de Quaderna em relação à palavra interiormente persuasiva, o conceito de subversão será direcionado para o modelo de escrita que o personagem decide produzir sua obra que o tornará “Gênio da Raça Brasileira” e o gênero literário utilizado por ele em seus trabalhos, leituras e pesquisas.

Quaderna é um escritor de folhetos que trabalha no jornal Gazeta de Taperoá:

Em 1838, o Padre Francisco José Corrêa de Albuquerque fez um desenho representando as duas Pedras Encantadas do nosso Reino, desenho que Pereira da Costa e Souza Leite publicaram. Levei meu irmão Taparica à nossa Biblioteca e pedi-lhe que copiasse a estampa do Padre, cortando-a, depois, na madeira, para ser impressa num “folheto” que eu pensava em publicar, tendo como assunto o nosso Reino (SUASSUNA, 2007, p. 68).

Tendo em vista a habilidade de Quaderna para produzir folhetos de cordel, nota-se uma certa subversão da parte do personagem em querer escrever um romance para poder tornar-se o “Gênio da Raça”, “Foi a minha vez de saltar, porque aquilo me tocava demais no meu sonho de ser Gênio da Raça escrevendo um romance-epopéico sobre minha família. Além do mais,

Varnhagen, sendo Visconde e católico, trazia uma boa contribuição monárquica para minhas idéias e minha genealogia” (SUASSUNA, 2007, p. 616).

Por um lado, pode-se dizer que há um desejo de expandir suas aptidões de escrita, desenvolvendo um romance para ampliar suas produções, no entanto, há também um descarte do gênero cordel para a obtenção do título desejado por ele, por não acreditar que seja um gênero compatível à magnitude da obra a ser produzida para receber o título de Gênio da Raça. De acordo com seus mestres Samuel e Clemente, Quaderna seria “incapaz de escrever qualquer coisa que se aproveite porque, em contato com os folhetos e romances de safadeza ele contraíra três defeitos gravíssimos, o 'desvio heróico', o 'desvio obsceno' e a 'galhofa demoníaca'” (SUASSUNA, 2007, p. 539).

Desse modo, a teoria de Bakhtin sobre a subversão da palavra do homem que fala no romance encontra-se presente no próprio ponto de vista do narrador quanto ao seu estilo de escrita, pois, além de escrever literatura de cordel, considera-se capaz de escrever um romance que o torne ícone da literatura nacional assim como seu precursor José de Alencar. Desse modo, percebe-se uma confusão no estilo literário de Quaderna em relação à suas produções.

### **Considerações finais**

A partir da concepção de que o homem que fala no romance e seus discursos são elementos formadores de suas ideologias e visões de mundo, percebe-se que o Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta, de Ariano Suassuna, encontra-se repleto de imagens formadas pela linguagem utilizada pelo personagem-narrador Dom Pedro Diniz Ferreira-Quaderna que remetem todas as suas opiniões em relação a diversos fatores sociais, históricos, políticos, filosóficos e literários.

Portanto, o mecanismo de subversão existente nas falas de Quaderna, comprovam a riqueza da obra de Suassuna e submete ao leitor uma capacidade de imaginação e reflexão acerca da obra a ponto de questionar-se a respeito dos pontos de vista do personagem-narrador.

### **Nota**

\* Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: rafaelmunhoz@hotmail.fr

### **Referências**

ALENCAR, José de. **O Sertanejo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 4. ed. São Paulo: Unesp/HUCITEC, 1998.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

Recebido em: janeiro de 2012.

Aprovado em: abril de 2013.